

## **A Encarnação Como Necessidade Psíquica** (Uma Versão Científica do Ensino de Jesus: “Vigiar e Orar”)

Claudio C. Conti  
www.ccconti.com  
www.gede.net.br

### **Introdução**

Na noite em que foi arrebatado do seio dos apóstolos, após o que ficou conhecido com a última ceia, Jesus se dirigiu, juntamente com Pedro e mais dois outros, para um lugar chamando de Getsêmani, situado ao pé do Monte das Oliveiras, para orar. Lá chegando, disse aos três acompanhantes que permanecessem em estado de vigília, vigiando, juntamente com ele, de manter um ambiente propício para sua oração e afastou-se um pouco mais<sup>1</sup>.

Todavia, ao retornar, Jesus se depara com seus acompanhantes adormecidos. Acordando-os, diz: “Como assim? Não fostes capazes de vigiar comigo por uma hora! Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca.”<sup>1</sup>

Apesar da passagem descrita não constar d’O Evangelho Segundo o Espiritismo<sup>2</sup>, mas apenas no texto denominado de “Novo Testamento”, acreditamos que a orientação “vigiar e orar” englobaria todos os ensinamentos de Jesus contidos na citada obra.

É imperioso ter em mente que os evangelistas Marcos, Mateus, Lucas e João escreveram as suas versões do Evangelho de Jesus após a desencarnação deste, além disso, muitas cópias e traduções foram realizadas, com o risco de alterações, intencionais ou não. Com relação a este tema, Allan Kardec diz o seguinte<sup>3</sup>:

“Certas palavras, aliás, muito raras, atribuídas ao Cristo, fazem tão singular contraste com o seu modo habitual de falar que, instintivamente, se lhes repele o sentido literal, sem que a sublimidade da sua doutrina sofra qualquer dano. Escritas depois de sua morte, pois que nenhum dos Evangelhos foi redigido enquanto ele vivia, lícito é acreditar-se que, em casos como este, o fundo do seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo, passando de uma língua para outra, há de ter experimentado alguma alteração. Basta que um erro se haja cometido uma vez, para que os copiadotes o tenham repetido, como se dá frequentemente com relação aos fatos históricos.”

Vale, ainda, ressaltar que o Codificador apresenta, logo no início da obra<sup>4</sup>, a descrição da metodologia adotada para sua elaboração, dividindo em cinco partes as matérias contidas nos quatro Evangelhos que constituem o Novo Testamento:

1. Os atos comuns da vida de Jesus;
2. Os milagres;

3. As predições;
4. As palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas;
5. E o ensino moral.

Com relação a esta divisão, Allan Kardec diz que:

“As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva.”

Portanto, da quinta parte é que foi retirado o material para análise n’O Evangelho Segundo o Espiritismo, parte integrante da Codificação Espírita, base da Doutrina Espírita. Diante do exposto, pode-se considerar que todo o material disponível foi analisado e apenas se encontra na Codificação aquele que foi selecionado, aprovado e considerado completo pelos espíritos responsáveis pelo trabalho.

De volta ao tema principal, pode-se dizer que, ao adentrar no período humano, o ser, detentor de algum conhecimento, é capaz de fazer escolhas dentro de certos limites que serão cada vez mais amplos conforme se eleva na escala espírita. Este conceito é apresentado em O Livro dos Espíritos<sup>5</sup>:

**122.** Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra?

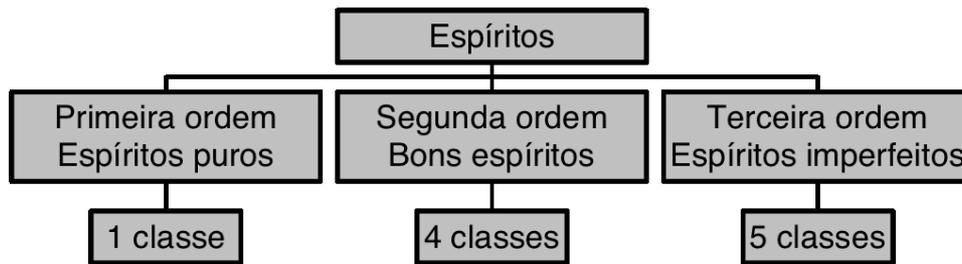
“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.”

Ainda no mesmo livro<sup>5</sup> temos:

**114.** Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”

Recorrendo a definição apresentada n’O Livro dos Espíritos<sup>6</sup> sobre a ordem na escala evolutiva do espírito temos:



As características dos espíritos em cada uma das três ordens são<sup>6</sup>:

**1. Primeira ordem – Espíritos puros**

1. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.
- 2.

**2. Segunda ordem – Bons espíritos**

1. Desejo do bem e reúnem o saber às qualidades morais.
- 2.

**1. Terceira ordem – Espíritos imperfeitos**

3. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são conseqüentes.

Ao analisarmos a descrição das características dos espíritos em cada uma das ordens é possível avaliar que o nível evolutivo é caracterizado pela condição moral, pois, independente do conhecimento, o ser poderá ter propensão ao mal ou ao bem. Muitos são os exemplos de espírito encarnados na Terra, muitos de alto nível intelectual, mas que, infelizmente, devotam todo o conhecimento para fins menos nobres; em contrapartida, muitos outros com nível intelectual modesto, mas que devotam sua existência em benefício de todos.

Segundo a avaliação de Allan Kardec<sup>7</sup>, temos:

Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: "Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem." Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Portanto, o grau evolutivo de um espírito não deve ser medido pela quantidade de conhecimento que tenha adquirido, mas pela condição moral que apresente. Por "condição moral" entende-se como quantidade de virtudes que tenha adquirido ou quantidade de imperfeições que ainda subsista.

Isto pode ser explicado pelo fato de que, por exemplo, ninguém poderá ser caridoso e egoísta ao mesmo tempo, pois, enquanto ainda persistir algo de egoísmo não se poderá dizer que já seja caridoso. Enquanto sentimentos antagônicos coexistirem, não se pode afirmar que esteja regenerado, sem, no entanto, tirar o mérito do trabalho que esteja dedicando para superar as deficiências.

Portanto, a evolução é uma questão moral e fica patente na questão transcrita a seguir<sup>5</sup>:

**793.** Por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa?

"Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Até então sereis apenas povos esclarecidos que hão percorrido a primeira fase da civilização."

Sob este aspecto, têm-se, então, dois campos em que o espírito ao longo de sua caminhada deverá desenvolver: o aspecto intelectual e o aspecto moral.

Até onde se pode perceber, o aspecto intelectual poderá ser desenvolvido através do estudo e da experiência de observação dos fenômenos ao redor, assim, mesmo que não seja de interesse imediato do espírito, apenas por existir irá, forçosamente, observar tudo aquilo que lhe acontece ao redor e deverá agir de acordo. Portanto, o desenvolvimento intelectual ocorrerá, por assim dizer, por força das coisas.

Contudo, para desenvolver o aspecto moral, o espírito deverá se exercitar intencionalmente nesta direção, pois existe no ser pertencente a um mundo de expiação e provas como o planeta Terra tendências que são contrárias a este desenvolvimento. Isto fica claro na seguinte questão<sup>5</sup>:

**785.** Qual o maior obstáculo ao progresso?

“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Curta, porém, é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura.”

O espírito criado não traz consigo em sua origem, ou melhor, em sua essência, o egoísmo e o orgulho, portanto, são desenvolvidos ao longo da sua existência. Assim não temos como identificar o início do processo que culmina em estas duas grandes mazelas, mas podemos supor que já estejam instalados quando o espírito se torna condizente com um mundo de expiações e provas. Como o conhecimento é adquirido e a moral desenvolvida, pode-se supor que não se encontram na estrutura espiritual criada. Então, tanto as virtudes como as viciações não estão instaladas no espírito em si, mas na estrutura mental, ou psique, ou mente que é elaborada e desenvolvida pelo ser ao longo de sua existência.

Resta-nos, então, identificar sua posição nesta estrutura psíquica, sua ação e inter-relação com as demais partes, visando elaborar, mesmo que ainda acanhadamente, a melhor forma para minimizar, nos casos das viciações, os seus efeitos até que sejam completamente banidas através da dedicação constante e esforço próprio.

## **Conceito Energético da Psique**

Podemos tomar como premissa básica a colocação de Carl G. Jung<sup>8</sup> ao apresentar a concepção de que a psique pode ser considerada com um campo energético e se referir à energia psíquica como sendo similar à energia física, tendo também grandezas qualitativas e quantitativas e corroborada pelo espírito Joanna de Ângelis<sup>9</sup>. As citações estão apresentadas a seguir:

“O conceito de energia psíquica é tão legítimo em ciências quanto o de energia física, e a energia psíquica tem também suas medidas quantitativas e formas diferentes, como a energia física.”

C. G. Jung

“A visão espírita, porém, a respeito de um arquivo extra cerebral, formado por uma maquinaria energética centrada no Espírito, cujo campo de informações é infinito, torna-se muito mais factível e racional...”

Joanna de Ângelis

Com o conceito energético da estrutura psíquica, podemos prosseguir em nossa análise sobre a relação das diferentes regiões da psique onde, utilizando o conceito exposto por Jung e apresentado na citação acima, pode-se supor que, estas relações variam segundo a quantidade e qualidade da energia que cada região da psíquica possui. Teríamos, portanto, diferentes regiões com propriedades distintas segundo a componente energética inerente ao seu conteúdo.

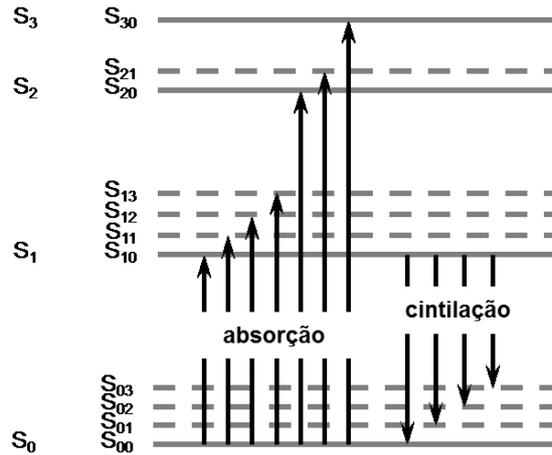
## **Níveis de Energia em Material Cintilador**

Nas estruturas atômicas e nas redes cristalinas dos materiais encontram-se níveis de energia, isto é, o átomo ou um cristal ou os materiais em geral, em seu âmbito, não são uniformes apesar de, em escala macro apresentarem uma uniformidade. Desta forma, existem fenômenos físicos diretamente relacionados com os diferentes níveis energéticos que são fixos para uma determinada estrutura, mas que variam de uma para outra.

Um dos fenômenos físicos que mantém uma relação direta com os níveis energéticos tanto de átomo quanto de redes cristalinas é a cintilação que corresponde ao processo no qual um material qualquer é capaz de converter energia cinética de partículas carregadas em luz.

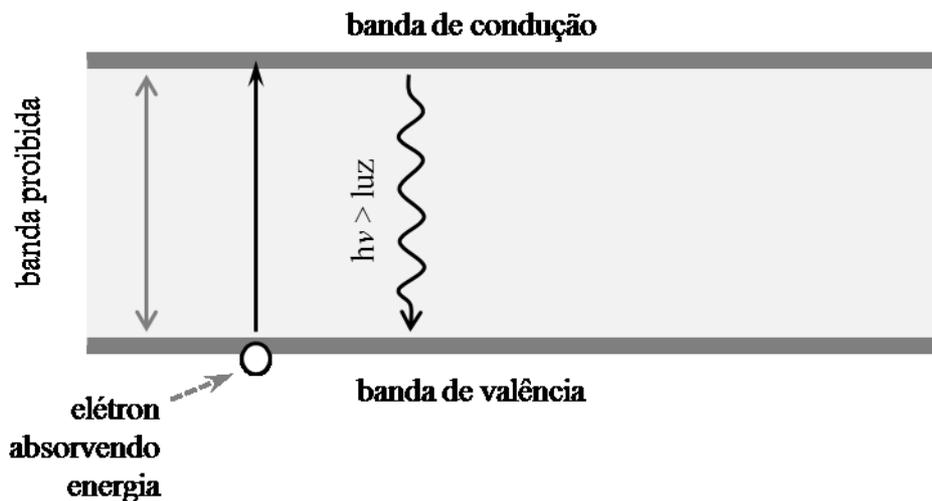
Alguns materiais cintiladores e que apresentam uma série de propriedades específicas são utilizados na construção de detectores de radiação. Temos, então, os cintiladores orgânicos, nos quais o processo se encontra na estrutura da molécula, e os inorgânicos, nos quais o processo se encontra na estrutura cristalina.

Algumas moléculas orgânicas, isto é, que formam cadeia com átomos de carbono, possuem uma estrutura que a diferença energética entre dois níveis caem na faixa da luz visível, isto é, a energia é irradiada na forma de luz visível (cintilação), após um processo de doação de energia. Assim, os elétrons da molécula absorvem energia e passam a níveis mais elevados que, após ínfimo intervalo de tempo emitem, na forma de ondas eletromagnéticas na faixa da luz visível, quantidade de energia necessária para que ocorra a transição. O processo está representado no esquema a seguir.



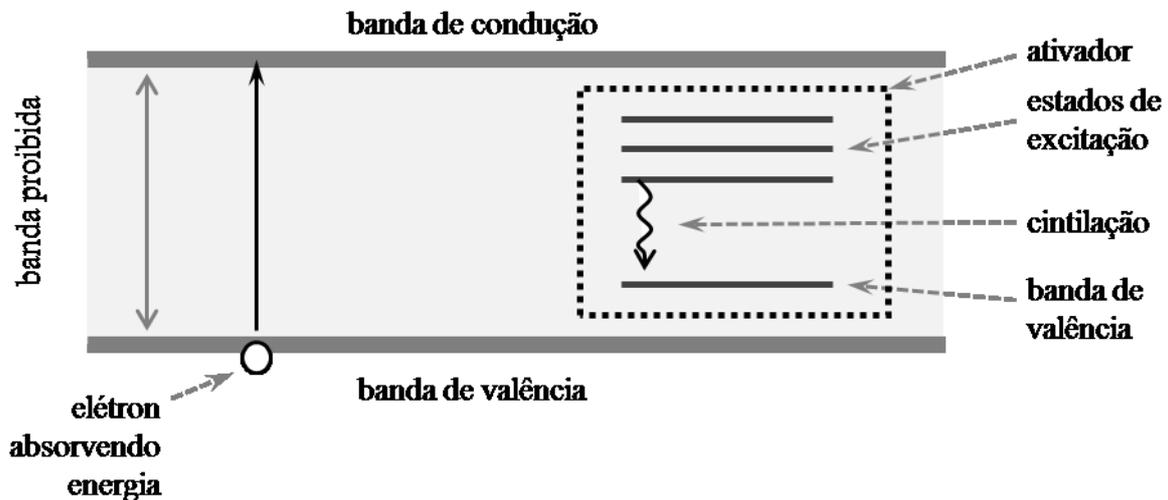
Em redes cristalinas, como veremos a seguir, o processo seria mais adequado para a comparação com a estrutura psíquica e as limitações, estabelecidas pela encarnação, de acesso à informação do espírito, herança de todas as experiências vivenciadas, entre ou durante encarnações.

Os elétrons localizados na banda de valência, região onde apresentariam nível energético mais baixo, poderiam absorver energia por um processo de doação de energia, passando, então, para níveis relativos a maior quantidade de energia. Após ínfimo intervalo de tempo, emitiriam quantidade de energia necessária, na forma de ondas eletromagnéticas, para que ocorra a transição de retorno. Todavia, a diferença energética entre os dois níveis é maior do que a faixa de luz visível, portanto, não há cintilação propriamente dita. O processo está representado no esquema a seguir:



Contudo, existem meios de se atingir o desejado, que é o estabelecimento de níveis energéticos intermediários para obter o fenômeno necessário que, no caso dos detectores cintiladores é possibilitar a emissão de luz na faixa do visível.

Como o intervalo de energia entre banda de valência e a banda de condução é maior que a faixa da luz visível na estrutura cristalina, um processo viável é “criar” subníveis intermediários acrescentando algum composto, denominado de ativador, que passará a fazer parte do cristal. Assim, será possível que transições ocorram em que a diferença energética seja compatível com a faixa da luz visível. Este processo está demonstrado esquematicamente a seguir:



## Níveis de Energia na Estrutura Psíquica

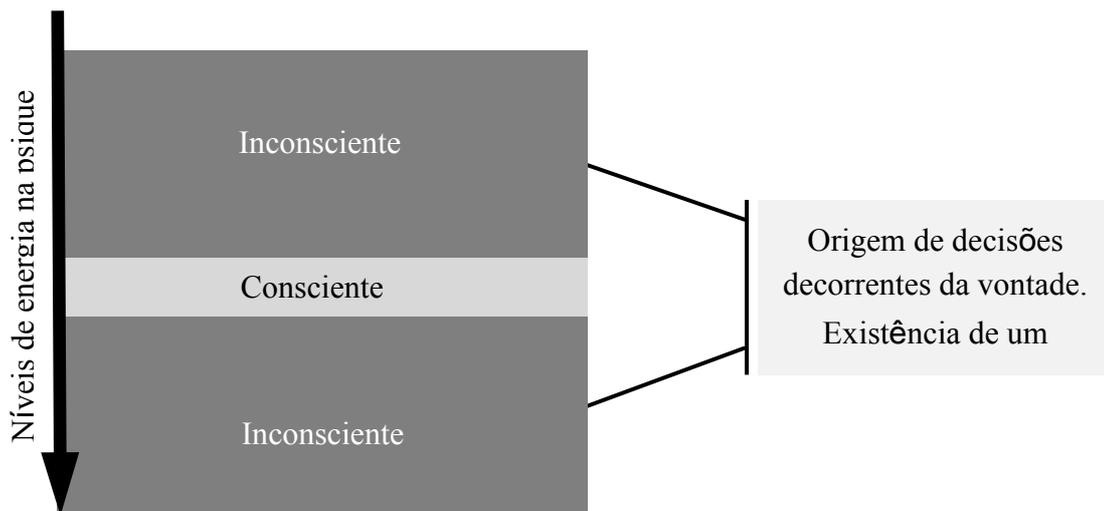
Embora a mente de um espírito seja uma única, isto é, uma mente para cada espírito, nada impede, a princípio, que sua estrutura seja compartimentada e que os diferentes compartimentos interajam entre si. Portanto, a expressão “mente una” se refere ao estado em que não existam divisões, formando um todo como uma única peça ou região<sup>10</sup>.

Nesta abordagem da psique como uma estrutura energética, tem-se que a vontade está relacionada com a soma total de energia envolvida enquanto que o padrão de pensamento está relacionado com a qualidade da energia individualmente. Portanto, a transformação íntima e os fenômenos dependem tanto da vontade quanto do padrão de pensamento<sup>10</sup>.

Ainda sob o mesmo prisma, deve-se considerar a existência de regiões apresentando diferentes graus de energia, correspondendo ao teor ou qualidade, dentro da própria estrutura psíquica. Nestas regiões ocorreriam eventos (processos mentais) compatíveis com o nível energético<sup>11</sup>.

Jung postulou o conceito da existência do que definiu de “sujeito secundário” que seria o responsável por tratar de questões de ordem superior e que não podem ser tratados pela consciência. Postula, ainda, dois limiares de energia, um inferior e outro superior, limitando, assim, a consciência<sup>12</sup>.

A representação esquemática dos níveis de energia da psique é apresentada a seguir:



Contudo, apesar da inviabilidade da compreensão direta e completa de conteúdos e processos inconscientes, estes interferem de alguma forma no consciente. Jung diz que “o sujeito secundário atua sobre a consciência do eu, mas de maneira indireta, isto é, através de símbolos, embora esta expressão não me pareça muito feliz.”<sup>13</sup>

Dentre os conteúdos do inconsciente temos o que Jung denominou de “arquetípos primordiais” que

C. G. Jung	Joanna de Ângelis
Sombra	O lado escuro da personalidade
Velho sábio / Velha sábia	O espírito imortal

Segundo a visão de Jung<sup>14</sup>, que poderíamos denominar de “visão científica”, a Sombra “constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade”; “ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem despender energias morais” e; “a conscientização da sombra é o reconhecimento dos aspectos obscuros da personalidade, indispensável para qualquer tipo de auto-conhecimento, que é um processo terapêutico”.

Segundo a visão de Joanna de Ângelis<sup>15</sup>, que poderíamos denominar de “visão espírita ou reencarnatória”, a Sombra seria a “herança dos atos infelizes que o espírito gostaria de esquecer ou negar”; “prosseguem em mecanismo de punição, dando lugar a conflitos e complexos perturbadores” e; “após o esclarecimento, a Sombra será um benefício, eliminando os conflitos”.

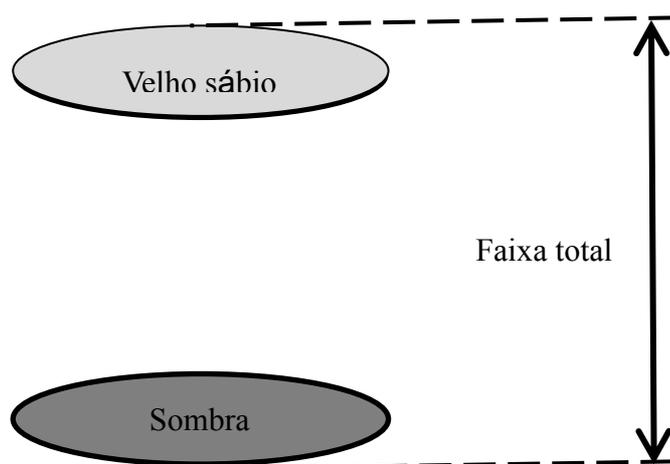
Em ambas as abordagens, isto é, considerando o processo reencarnatório ou não, verificamos que existem conteúdos na estrutura psíquica dos espíritos vinculados ao mundo de expiações e provas que estão relacionados com desvios de conduta moral e, portanto, influenciam negativamente na sua condição de felicidade, mesmo que não seja percebido pelo espírito.

Vemos ainda que o exercício do auto-conhecimento seria fundamental para uma vida sadia, tanto física quanto mental e o Espiritismo, enquanto doutrina filosófica de consequências morais, tem um papel fundamental de auxílio direto para atingir este objetivo. Jung<sup>16</sup> afirma que “O espiritismo enquanto fenômeno coletivo persegue, portanto, os mesmos fins que a Psicologia médica, e, deste modo, produz, como bem indicam suas manifestações mais recentes, as mesmas ideias básicas – ainda que sob o rótulo de ‘ensinamentos dos espíritos’ – que são características da natureza do inconsciente.”

### Versão Energética do “Vigiar e Orar”

De um lado temos o “Velho Sábio” que é a nossa essência como espírito, filhos de Deus, portanto existente em nós desde a criação, consequentemente de teor elevado (altamente energético); de outro lado temos a “Sombra”, originária da teimosia do espírito, portanto não está presente no espírito desde a sua criação, mas originária de desatinos consecutivos, consequentemente, de baixo teor (baixa energia).

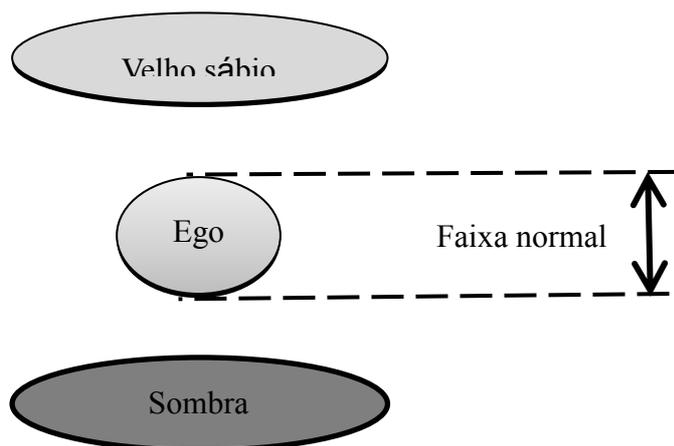
Sob a ótica do que foi apresentado, podemos analisar parte da estrutura psíquica conforme o esquema a seguir:



Nesta nova estrutura que surge dos desatinos do espírito, existe uma faixa energética muito larga, polos muito contraditórios entre si, o que torna inviável, para o espírito, trabalhar níveis energéticos tão distintos. Esta arquitetura energética da psique inviabilizaria a ocorrência do fenômeno desejado: a regeneração do espírito através do entendimento de suas faltas.

A encarnação e, consequentemente, a compartimentação da estrutura psíquica se torna necessária para manutenção do equilíbrio energético, formando, portanto, a denominada “região consciente” em contraposição ao inconsciente, isto é, região onde se encontrariam o material psíquico de acesso direto durante cada encarnação, que seria equivalente ao ativador utilizado nos cristais cintiladores para “criar” níveis energéticos intermediários.

Temos, portanto, que a encarnação teria como papel principal “criar” níveis energéticos intermediários na estrutura psíquica para que o espírito tenha condições de avaliar suas escolhas e as consequências decorrentes e, assim, formando uma nova estrutura conforme demonstrado a seguir:

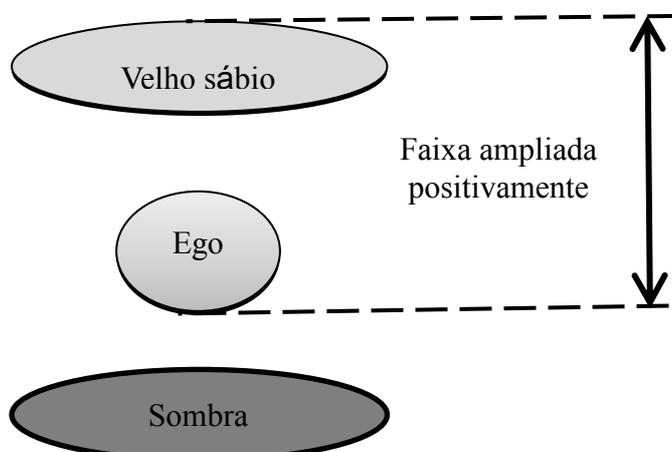


Nesta visão, podemos conceber o motivo pelo qual “não fazer o bem já é um mal”<sup>17</sup> uma vez que o espírito não exercitará suas possibilidades de contato com a “força da criação” e ações mais sublimes, tenderá a permanecer estacionário, se mantendo envolto apenas com questões de somenos importância para o espírito imortal fazendo, portanto, o mal, nem que seja apenas para consigo mesmo. Este ponto está colocado muito claramente na questão apresentada a seguir<sup>5</sup>:

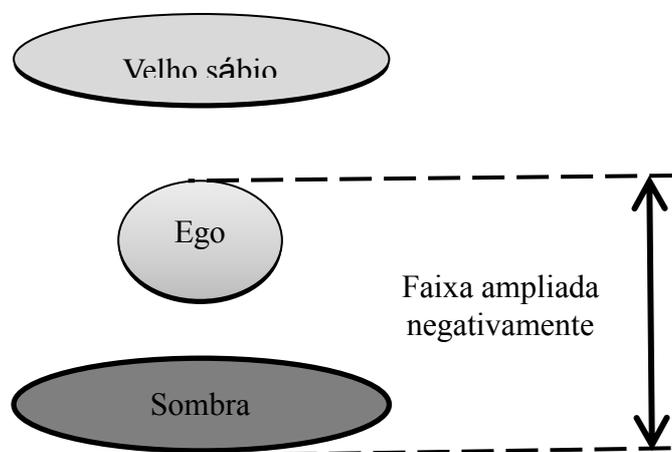
642. Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?

“Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem.”

Ainda na mesma linha de raciocínio, através do esforço pela transformação pessoal e do trabalho constante e firme no desenvolvimento próprio e dos outros, o espírito poderá, gradativamente, entrar em contato com outras regiões do seu próprio psiquismo. A vontade atuante serviria como exercício mental para que possa vivenciar o contato com conteúdos mais energéticos do que o habitual na vida cotidiana e, assim, ser impulsionado e fortalecido na evolução. Assim, todas as vezes que estiver laborando nesta seara e em estado de prece, sua faixa de ação será ampliada positivamente, até que esta condição se torne trivial. Este efeito está representado no gráfico a seguir:



Em contrapartida, o aposto também ocorre. Nos casos em que o indivíduo se mantém renitente no equívoco e foca apenas nas questões materiais da vida de encarnado, sua faixa de ação se manterá ampliada negativamente, como demonstrado a seguir:



Diante do apresentado, o ensinamento de Jesus que diz “vigiar e orar” pode ser traduzido por:  *você está em nível intermediário (a encarnação) pela benção do Pai, portanto, seja cauteloso com as ‘descidas’ energéticas da mente e procure manter o interesse nas coisas elevadas para trabalhar as ‘subidas’ energéticas e, assim, alcançar a felicidade plena.*

## Referências

1. \_\_\_\_; Bíblia de Jerusalém – Nova Edição, Revista e Ampliada; Paulus Editora, 2002; Mateus, cap. 26, vv. 36-41
2. O Evangelho Segundo o Espiritismo
3. Kardec, Allan; O Evangelho Segundo o Espiritismo; 112ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1996; cap. XXIII - ESTRANHA MORAL
4. Idem; Introdução
5. \_\_\_\_; O Livro dos Espíritos; 77ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.
6. Idem; parte 2 cap. 1
7. \_\_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo; 112ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1996; cap. XVII – Sede Perfeitos.
8. Jung, C. G; A Energia Psíquica; 7ª edição, Editora Vozes, 1999; pg 6
9. Joanna de Angelis (espírito); Triunfo Pessoal; psicografia de Divaldo P. Franco, 1ª edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002; pg. 23.
10. Conti, C. C.; Relação Homem Universo, 2008;  
<http://ccconti.com/Cursos2008/relacaohomemuniverso.pdf>
11. Conti, C. C.; Mente Uma, 2008; <http://ccconti.com/Cursos2008/Menteuna.pdf>
12. Jung, C. G; “A Natureza da Psique”, Editora Vozes, 5ª edição, 2000; pg 112.
13. Idem, pg 114.
14. \_\_\_\_; AION - Estudo Sobre o simbolismo do Si-Mesmo; 6ª edição, Editora Vozes, 2000.
15. Joanna de Angelis (espírito); Triunfo Pessoal; psicografia de Divaldo P. Franco, 1ª edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002.
16. Jung, C. G; “A Natureza da Psique”, Editora Vozes, 5ª edição, 2000; pg. 257
17. Kardec, Allan; O Livro dos Espíritos; 77ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1997.
18. Idem; questão 657